



## A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NOS CAMINHOS DO HIPERTEXTO

### THE PRODUCTION OF SENSE IN THE HYPERTEXT WAY

Ana Paula Domingos Baladeli<sup>1</sup>

**RESUMO:** As tecnologias da informação e comunicação - TIC ampliam os espaços para comunicação e interação na mesma proporção em que modificam o uso da linguagem. Nesse contexto, por sua natureza não-linear e aberta o hipertexto desafia o leitor na produção de sentido ao longo de múltiplas conexões entre blocos de informações e textos. Além disso, a intertextualidade e a convergência entre a linguagem verbal, visual e sonora diferenciam a leitura no hipertexto da leitura em texto impresso.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, produção de sentido, hipertexto, *web*.

**ABSTRACT:** The information and communication technologies spread the spaces for communication and interaction in the same way that changes the use of language. In this context, because of non-linear and open nature the hypertext challenges the reader in the production of sense on web during the multiple connection between information pad and others texts. Besides that, intertextuality and the convergence between verbal, visual and sound languages differs reading in hypertext from reading press text.

**KEYWORDS:** reading, production of sense, hypertext, *web*.

#### Introdução

O aprimoramento constante das chamadas tecnologias da informação e comunicação – TIC possibilitam entre outras mudanças a criação de diferentes espaços para a pesquisa, a escrita e a leitura. Com a ampliação do uso da rede mundial de computadores – Internet, para a comunicação, a informação e a interação, o uso da língua tende a se adaptar a fim de atender a uma comunicação dinâmica e interativa. Além disso, a rede permite que as relações entre escritor, leitor e texto também sejam alteradas (SOARES, 2002; BRAGA, 2005).

Diante disso, o presente trabalho objetiva discutir as mudanças ocasionadas no uso da linguagem no contexto da *web*, em específico a atividade de leitura e a produção de sentido no hipertexto.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Universidade Estadual de Maringá, [annapdomingos@yahoo.com.br](mailto:annapdomingos@yahoo.com.br).



A Internet, rede mundial de computadores, possibilita que a criação de espaços para comunicação, interação e colaboração entre as pessoas em diferentes páginas da *web*.

Na *web*, o texto verbal ainda permanece como o foco das produções, entretanto, o que se observa é a convergência entre elementos visuais, sonoros e verbais na constituição de novos gêneros textuais característicos deste suporte. “O fato incontestável é que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na Internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som” (MARCUSCHI, 2005, p.19).

Ainda conforme Marcuschi (2005) na rede as possibilidades comunicativas provocam a criação de novos gêneros e/ou a convergência entre eles, o que para o pesquisador não altera a estrutura da língua porém, promova mudanças significativas no uso desta. Tais mudanças podem ser observadas na constituição dos textos, que nesse suporte são denominados hipertexto. Para Koch (2007), hipertexto refere-se a uma forma de escrita que rompe com a linearidade e estrutura sequencial de um texto impresso convencional. Além disso, para o hiperleitor, o acesso a outros textos e páginas é possível através dos *hiperlinks* (nós entre um bloco de informação e outro), disponíveis na superfície do texto.

Do ponto de vista linguístico, observa-se que nos espaços comunicativos síncronos (em tempo real) como o bate-papo e o *Messenger* por exemplo, a língua sofre modificações principalmente na grafia das palavras que tendem a ser abreviadas. Além disso, percebe-se a inserção de elementos gráficos como os *emotions* (elementos gráficos usados para expressar emoções). No que se refere à dimensão discursiva, nas páginas da *web* é possível encontrar os mais variados gêneros e usos da língua em situações formais ou não.

### **Leitura na *web***

Em um contexto de divulgação e constante ampliação do uso da rede mundial de computadores em diferentes setores da sociedade, o que se observa é a criação de novos espaços para atividade de linguagem (MARCUSCHI, 2005; BRAGA, 2007).

Na *web*, há diferentes espaços para comunicação síncrona (tempo real) e assíncrona bem como espaços em que a produção e a divulgação de textos pessoais. Esta realidade provoca a adaptação no uso da língua para efeitos de comunicação *online*. Os gêneros que são produzidos e divulgados nesse suporte



tendem a constituir-se híbridos e voláteis, uma vez que incorporam características de gêneros já existentes mesmo em outros suportes.

Diante disso, ler na *web* requer do leitor o estabelecimento de objetivo e a criação de critérios a fim de que a produção de sentido não seja prejudicada pela navegação em *hyperlinks* de forma aleatória. A leitura no hipertexto requer do leitor o desenvolvimento de habilidades para navegar pelo hipertexto selecionando os *hyperlinks* de informações ou textos que sejam relevantes à construção de conhecimento.

Segundo a definição apresentada por Koch e Elias (2007) na perspectiva sociointeracionista, leitura é uma atividade complexa de interação e de produção de sentidos constante, haja vista que requer do leitor a articulação e a compreensão dos aspectos linguísticos presentes no texto bem como a mobilização do seu conhecimento enciclopédico. Ainda segundo os pesquisadores no processo de produção de sentido de um texto são necessários a mobilização de estratégias cognitivas e interacionais. Por essa razão, a produção de sentido para um texto, seja ele verbal ou não-verbal constitui-se em uma atividade de natureza sociocognitiva.

O hipertexto representa um modo de escrita e de organização textual de natureza não-linear e fluída. Devido à sua característica em rede, os *hyperlinks* disponíveis em cada trajetória de leitura do hipertexto fazem com que o leitor tenha acesso a múltiplos blocos de informações e textos. Por essa razão, a intertextualidade é uma das características que compõem um hipertexto (MARCUSCHI, 2005; BRAGA, 2007; KOCH, 2007).

O hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas por meio de buscas, descobertas e escolhas, que irão levar à produção de UM sentido possível, entre muitos outros. Ou seja, no hipertexto a multiplicidade de leituras é a condição mesma de sua existência: sua estrutura flexível e não-linear favorece buscas divergentes e o trilhar de caminhos diversos (KOCH, 2007, p. 28).

Para Braga (2007), a natureza multimodal de textos disponíveis na *web* por aproximarem a fala da escrita faz com que essa mídia possibilite o acesso de grupos menos favorecidos, menos letrados, à variedade linguística e discursiva, o que para a pesquisadora reflete o caráter democratizador da rede.

Se por um lado a escrita tende a adaptar-se nas páginas da *web*, o processo de leitura por sua vez ainda é norteado pela concepção de leitura convencional, que se realiza nas páginas de material impresso. A dificuldade em produzir sentido durante a leitura no hipertexto repousa no fato de sermos letrados para



textos impressos, sequenciais e lineares. Dessa forma, a disposição do texto em sua estrutura fragmentada, o tamanho e a cor da fonte, o inconveniente de ter que conectar-se à Internet são apontadas como uma das principais desvantagens da leitura no hipertexto. Soma-se a isso o fato de a “[...] resolução atual de tela é pouco confortável para o processo de recepção, uma vez que demanda movimentos oculares mais amplos, que diminuem a velocidade de leitura. Essas dificuldades são acentuadas pelo cansaço visual gerado pelo brilho da tela e pelo desconforto da posição fixa para a leitura. (BRAGA, 2005, p. 757).

Conforme Chartier (2002) o computador desempenha a função de integrar e distribuir textos e discursos, antes disponíveis apenas em material impresso. Diante do volume de textos e discursos que veiculam na rede uma das preocupações apontadas diz respeito à habilidade de selecionar e distinguir os discursos e as fontes de informação disponíveis nesse suporte (CHARTIER, 2002).

A leitura nas páginas da *web* pode representar um desafio para um leitor com pouco conhecimento do funcionamento da ferramenta, isso porque, diferente da leitura de textos convencionais impressos em que autor e leitor desempenham papéis singulares, na leitura no hipertexto o leitor atua como co-autor do texto visto que o hipertexto é produzido no momento em que está sendo lido.

A leitura realizada no hipertexto tende a ser não-linear e descontínua haja vista que as informações estão disponíveis em fragmentos que são acessados conforme as escolhas realizadas pelo leitor (CHARTIER, 2002; KOCH, 2007; BRAGA, 2004; 2007). Se por um lado, o hipertexto desafia o leitor à adaptar-se a composição textual fluída e aberta, por outro, facilita que a atividade de conferência dos conteúdos e/ou textos pesquisados (CHARTIER, 2002; BRAGA, 2004).

Tal possibilidade modifica profundamente as técnicas clássicas da prova (notas de rodapé, menções, referências), que pressupunham a confiança do leitor no autor, na podendo aquele colocar-se no lugar deste diante dos documentos analisados e utilizados. Nesse sentido, a revolução da textualidade digital constitui também uma mutação epistemológica que transforma as modalidades de construção e crédito dos discursos do saber. (CHARTIER, 2002, p. 25)

Conforme enfatiza Chartier (1999, 2002) a mudança no papel do leitor para co-autor faz com que sua colaboração seja imprescindível na produção do texto. No hipertexto aberto, aquele em que ao leitor



modifica, insere ou exclui conteúdos, a questão sobre os direitos autorais em materiais online é levantada. Para Chartier (2002), se por um lado as páginas da *web* ampliam a ação do leitor e o conduzem a participar na produção de textos, por outro, a possibilidade de colaboração aumenta o acesso das pessoas às produções escritas, antes restritas aos editores e revisores. Além disso, com o crescente processo de digitalização de livros, o leitor não precisa mais deslocar-se até a biblioteca já que encontra disponível na rede um volume considerável de obras de diferentes áreas do conhecimento, ainda isso, representa um risco aos espaços públicos de leitura partilhada.

Segundo Baladeli; Altoé (2009) a produção de sentido na leitura de hipertexto pode representar um desafio, isso porque, durante a navegação, as escolhas realizadas pelo leitor podem conduzi-lo a diferentes blocos de informações e páginas diversas. Nesse sentido, saber *o que e onde* procurar possibilita ao leitor uma navegação menos dispersa e por conseguinte, uma leitura mais eficaz. Ainda na perspectiva das pesquisadoras, o diferencial entre a leitura realizada em material impresso e em hipertexto está no fato de este último possibilitar maior participação e interação do leitor com o texto. Devido às escolhas realizadas pelo leitor ao longo da navegação cada percurso de leitura realiza-se único, a cada trajetória uma leitura e a cada leitura um novo texto se configura.

Para Koch (2007) além da função coesiva os *hiperlinks* possibilitam que o leitor acesse informações em busca de maiores explicações sobre o que está lendo, o que favorece uma leitura mais significativa.

No entanto, conforme Elias (2005), o hipertexto não pode ser compreendido como uma compilação de textos e como um texto aberto que se materializa a partir da trajetória percorrida por cada leitor.

Grosso modo, podemos conceituar o hipertexto a partir de três características básicas: a não-linearidade do texto fonte, que possibilita ao leitor o acesso a outros tantos textos; a intertextualidade, que é favorecida pela conexão entre gêneros, discursos, áreas de conhecimento distintas; e o aspecto multissemiótico, evidenciado pela convergência entre linguagem visual, verbal e sonora.

## Letramento digital



O papel da linguagem não-verbal na composição do hipertexto também precisa ser compreendido visto que a habilidade de ler recursos visuais torna-se imprescindível para a produção de sentido nesse suporte. Sendo assim, leitura na *web* significa interagir com linguagem verbal e não-verbal por meio da construção do hipertexto. Leitura em um nível mais complexo requer a superação da decodificação, a mobilização do conhecimento de mundo e a articulação do que já sabe com as informações que encontra nos *hyperlinks*.

Nesse sentido, leitura na web significa interagir cada vez mais com textos multissemióticos construídos na interface de elementos visuais, verbais e sonoros (BRAGA, 2005; MARCUSCHI, 2005).

Na *web*, devido à disposição fragmentada em que os textos são armazenados e *linkados* e pela carga de intertextualidade que os mesmos apresentam, para o leitor habituado a ler texto impressos, produzir sentido durante a leitura no hipertexto não é tarefa fácil.

O hipertexto não tem propriamente um autor; em primeiro lugar, porque a intertextualidade, presente, no texto impresso, quase exclusivamente por alusão, no hipertexto se materializa, na medida em que este se constrói pela articulação de textos diversos, de diferentes autorias – no hipertexto, não há uma autoria, mas uma multi-autoria. (SOARES, 2002, p.154-155)

Diante do uso crescente do computador e da Internet como suporte para textos convencionais, Marcuschi (2005) levanta a questão sobre a necessidade de desenvolver habilidades específicas que permitam as pessoas interagirem com esses textos multimodais e produzam sentido ao que leem por uma perspectiva sociointeracionista.

É nesse sentido que o conceito de letramento digital ganha destaque. Conforme pesquisas de (SOARES, 2002; BRAGA, 2005) ser letrado digitalmente significa estar familiarizado com práticas de leitura no ambiente convencional e digital. Ainda que controverso, em linhas gerais o termo letramento digital têm sido utilizado para descrever a necessidade de desenvolver habilidades para compreender as práticas de leitura e de escrita que se materializam na rede.

Conforme Soares (2002) letramento digital pode ser conceituado como um estado ou condição em que o leitor se apropria das práticas de leitura e de escrita no contexto da tecnologia digital.



Embora a concepção de leitura e os pressupostos para produção de sentido possam sugerir a equivalência entre a leitura de material impresso e a que se realiza no hipertexto, é neste último porém, que o leitor participa ativamente na produção. Sendo assim, suas escolhas ao longo dos *hyperlinks* são determinantes para a produção do texto e do sentido.

Da mesma forma que os *hyperlinks* desempenham a função coesiva e conectam textos entre si, por outro a estrutura reticular com que os hipertextos são criados fazem com que o leitor tenha uma visão fragmentada do texto. Koch (2007) argumenta que essa multiplicidade de caminhos proporciona ao leitor mais acesso e condições para que o leitor construa conhecimento e aprofunde-se no tema que lê. Entretanto, a pesquisadora enfatiza que o resultado da leitura depende da habilidade do leitor em selecionar o que realmente é relevante para a produção de sentido.

### **Considerações finais**

A leitura e a produção de sentido no hipertexto pode ser mais complexa em relação a leitura realizada em material impresso, isso porque, ao navegar por todos os *hyperlinks* disponíveis no texto fonte, além do risco de perder-se diante das conexões possíveis, o leitor tem pela frente a tarefa de transformar as partes lidas do texto em unidades significativas.

Dessa forma, vale ressaltar ainda o papel ativo do leitor nas escolhas dos *hyperlinks*, primeiro selecionando os textos e/ou as informações relevantes à ampliação do conhecimento e em seguida descartando outros que não corroboram com a produção de sentido.

Nesse sentido, as reflexões aqui expostas proporcionaram a compreensão sobre o caráter inovador que o hipertexto imprime à atividade de leitura bem como apontaram o desafio da produção de sentido em um cenário em que a convergência entre linguagens torna-se constante. Além da compreensão do hipertexto como uma materialização discursiva aberta e fluída, as leituras apontaram a emergência no desenvolvimento de habilidades específicas para a leitura de texto na tela do computador e na *web*, a fim que os *hyperlinks* efetivamente desempenhem a função de ampliar o conhecimento e corroborar com a produção de sentido de um texto.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALADELI, Ana P.D.; ALTOÉ, Anair. **Pressupostos para a compreensão do processo de leitura na Internet: o hipertexto em foco.** In: Congresso de Leitura do Brasil. Campinas. Anais do 17º COLE, Campinas, SP,: ALB, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/>. Acesso em 03 mar. 2010.
- BRAGA, Denise B. **Hipertexto: questões de produção e de leitura.** Revista Estudos Linguísticos. Unicamp, Campinas. XXXIV, p.756-761, 2005.
- BRAGA, Denise B. **Linguagem pedagógica e materiais para aprendizagem independente de leitura na web.** In: COLLINS, H.; FERREIRA, A. (org) Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na Internet. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- BRAGA, Denise B. **Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica.** In: ARAÚJO, Júlio C. (org). Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** Tradução Fúlvia M.L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- ELIAS, Vanda M. da S. **Hipertexto, leitura e sentido.** Revista de Linguística Aplicada Calidoscópio. Unisinos, São Leopoldo. vol. 3, n.1, p.13-20. jan/abr. 2005.
- KOCH, Ingedore G. V. **Hipertexto e construção do sentido.** Alfa, vol. 51, n.1, p.23-38, 2007, São Paulo.
- KOCK, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda M. da S. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos.** 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. Hipertexto e gêneros digitais. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.